

## A zona arqueológica das Carvalheiras. Balanço das escavações e interpretação do conjunto

Manuela MARTINS

### Resumo:

Este trabalho pretende dar a conhecer os resultados obtidos nas escavações realizadas na zona arqueológica das Carvalheiras, identificada em 1983. Objecto de várias campanhas de escavações, realizadas, numa primeira fase, entre 1983-1985 e, numa segunda, entre 1991-1995, este importante núcleo arqueológico oferece um conjunto de vestígios de inegável interesse para o conhecimento do urbanismo e da arquitectura doméstica romana de *Bracara Augusta*.

Aí foi identificada uma habitação unifamiliar, com átrio e peristilo, erguida no último quartel do séc. I da nossa era, a qual ocupa a totalidade de um quarteirão da cidade romana, sendo limitada por quatro ruas. A construção foi remodelada em meados do séc. II para a instalação de um balneário, que ocupa todo o quadrante noroeste da casa, o que obrigou, também, a uma remodelação da fachada oeste, com sacrifício do primitivo pórtico que aí existia. A habitação persiste ocupada, mais ou menos com as mesmas características, até aos finais do séc. III/ inícios do IV, altura em que se regista uma nova reforma, que julgamos ter alterado a funcionalidade da área envolvente do peristilo, aparentemente transformada em área pública. O conjunto parece ter sido definitivamente abandonado entre finais do século IV, inícios do V.

Para além de constituir a única casa romana totalmente escavada em Braga até ao momento, a habitação das Carvalheiras revela-se como um admirável exemplar da arquitectura urbana privada, constituindo, simultaneamente, um notável fragmento do urbanismo de *Bracara Augusta*.

### Palavras chave:

*Bracara Augusta*; Arquitectura doméstica romana.

## 1. INTRODUÇÃO

A chamada "Zona arqueológica das Carvalheiras" corresponde ao miolo de um quarteirão situado a noroeste do Centro Histórico de Braga, mais precisamente a oeste da R. do Matadouro, por onde se faz a entrada no recinto (fig. 1). A sua identificação foi realizada no ano de 1983, na sequência de uma intervenção arqueológica, solicitada pela Câmara Municipal de Braga à Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, uma vez que estava projectada para o referido terreno a construção de um complexo pedagógico e desportivo.

A necessidade de se verificar a existência de ruínas naquele sector da cidade romana e de emitir um parecer justificado, quanto à viabilidade de construção, conduziu a uma primeira campanha de escavações, com a duração de quatro meses, que decorreu entre Fevereiro e Maio de 1983. Os resultados então obtidos foram sumariamente publicados (Delgado *et alii* 1984, 103).

Os trabalhos de escavação viriam a prosseguir nos anos de 1984<sup>1</sup> e 1985<sup>2</sup>. O conjunto dos dados então obtidos foi igualmente noticiado (Delgado e Lemos 1985, 159-176). Entre os resultados mais salientes dessas campanhas importa destacar a descoberta de um cruzamento de duas ruas e de construções atribuíveis a dois quarteirões da cidade romana, que apontavam para duas fases construtivas principais: uma datável dos finais do séc. I e outra do séc. IV (fig. 7).

A importância das ruínas exumadas justificou o prosseguimento das escavações em 1986, com vista à detecção de um eventual prolongamento da rua entretanto detectada. Tais trabalhos tiveram em vista o alargamento, para nascente, da área anteriormente descoberta (Delgado e Lemos 1986, 151-157, Ests. II e III).

No final do ano de 1986, estando escavada uma área com cerca de 708m<sup>2</sup>, deram-se por concluídos os trabalhos, atendendo a que a importância do conjunto das ruínas era, por si só, suficiente para justificar a classificação do sítio, ficando por isso inviabilizado o projecto de construção inicialmente proposto pela Câmara Municipal.

Estando a Zona Arqueológica das Carvalheiras sob responsabilidade do Museu D. Diogo de Sousa, decidiu esta entidade iniciar, em 1991, um projecto de valorização e restauro daquele núcleo, a ser inserido num circuito de visita à cidade romana, em conjunto com as termas do Alto da Cividade. A execução de tal projecto passava, naturalmente, pela realização de novos trabalhos de escavação que permitissem resolver algumas questões de ordem estratigráfica e cronológica, não esclarecidas nos trabalhos anteriores.

Esta nova intervenção, solicitada à U.A.U.M. e realizada em colaboração com os técnicos do Museu D. Diogo de Sousa, foi integralmente subsidiada pelo PRODIATEC daquele Museu.

Os trabalhos, iniciados em Junho de 1991, prolongaram-se por todo o ano de 1992, acabando por prosseguir nos seguintes. Com efeito, inicialmente com objectivos pontualizados, esta intervenção acabaria por assumir o carácter de uma grande escavação em área, indispensável para uma correcta interpretação do conjunto das ruínas anteriormente identificadas. Por outro lado, o próprio projecto de valorização das ruínas implicava avançar a escavação até aos limites do terreno disponível, que, uma vez vedado, ficaria sob tutela do Museu D. Diogo de Sousa. Estas duas condicionantes conduziram ao alargamento sucessivo da área escavada entre 1983-1986 (fig. 7), o que implicou a escavação integral do terreno que se desenvolve a norte e a este do núcleo de ruínas que era conhecido em 1986 (fig. 10).

A área escavada até 1995 permitiu definir uma unidade habitacional, limitada por quatro ruas, que ocupa a totalidade de um quarteirão residencial de *Bracara Augusta*. Nos limites das ruas descobertas desenham-se muros pertencentes a outras habitações e quarteirões (fig. 3).

Para além de constituir a única casa romana totalmente escavada até ao momento, a habitação das Carvalheiras revela-se como um admirável exemplar da arquitectura urbana privada e, simultaneamente, como um notável fragmento do urbanismo de *Bracara Augusta*. Com efeito, o módulo urbano identificado no quarteirão das Carvalheiras acabaria por permitir, em conjugação com outros elementos, definir a matriz do urbanismo da Braga romana e elaborar

<sup>1</sup> Esta campanha decorreu entre Fevereiro e Outubro, totalizando cerca de nove meses de trabalho ininterrupto.

<sup>2</sup> A campanha de 1985 foi mais pequena, tendo durado aproximadamente 5 meses, entre 20 de Março e 16 de Agosto.

a primeira proposta de um traçado ortogonal para a cidade (Martins e Delgado 1989-90). Por sua vez, o estudo desta habitação forneceu indicadores do modo de construir em diferentes épocas, pois foi objecto de várias remodelações ao longo de cerca de quatro séculos da sua ocupação.

O facto dos terrenos onde se situam as ruínas não terem sido construídos, posteriormente ao seu abandono no século V, pois ficaram fora da cidade medieval, favoreceu a razoável preservação do conjunto. No entanto, tal como acontece noutros locais de Braga, muitos muros foram saqueados até à rocha, deles restando apenas as valas onde se implantavam. Esta situação revela-se mais frequente nos muros de boa qualidade, erguidos nos séculos I e II, cujo aparelho regular se adaptaria melhor a ser reutilizado pelos construtores medievais. Pelo contrário, os muros tardios, construídos nas reformas datadas do Baixo Império, foram genericamente poupados ao saque, revelando alguns deles elementos arquitectónicos associados às entradas dos compartimentos, designadamente soleiras e ombreiras.

Mau grado a importância arqueológica do conjunto, o estudo e interpretação global do edifício só viria a ser concluído recentemente, sendo as notícias a ele referentes na bibliografia manifestamente sumárias (Martins *et alii* 1994; Martins 1995).

Deste modo, o presente trabalho constitui a primeira notícia detalhada relativa às escavações das Carvalheiras, apresentando uma proposta cronológica da sequência da sua ocupação e uma interpretação conjunta dos espaços<sup>3</sup>.

## 2. LOCALIZAÇÃO E INSERÇÃO URBANA

O conjunto das Carvalheiras situa-se no sector noroeste de *Bracara Augusta*, o qual se encontra limitado, a este, pelo cardo máximo e, a sul, pelo decumano máximo. Estamos, assim, perante uma área habitacional que se situava perto da zona monumental da cidade romana, definida pelo *forum*, localizado na plataforma mais alta da cidade (fig. 2).

A área escavada cobre a totalidade de um terreno limitado, a este, pelas traseiras dos prédios que se distribuem ao longo da R. dos Marchantes, por onde se faz o acesso às ruínas, estando rodeado a norte pelas traseiras das casas da R. da Cruz da Pedra. A sul, o terreno está limitado por um alto muro de suporte que separa o tabuleiro onde se encontram as ruínas de um outro mais alto. A oeste, existe actualmente um campo de jogos, construído depois de terem sido escavados os terrenos que não revelaram estruturas arqueológicas conservadas.

Constituído pela totalidade de uma habitação, rigorosamente limitada por quatro ruas, ocupando a totalidade de uma *insula*, com 120 pés de área construída, o conjunto arqueológico das Carvalheiras oferece ainda vestígios mal conservados de outras duas habitações, que se desenham nos limites do terreno, a sul e oeste. No limite norte da área escavada, foi igualmente descoberto parte do pórtico sul de uma outra habitação, que não é hoje visível.

<sup>3</sup> Esta interpretação serve presentemente de base à proposta de restituição arquitectónica da habitação que está a ser elaborada pelo arquitecto Rui Coelho da Silva no âmbito da sua dissertação de Mestrado em Arqueologia, a ser defendida na Universidade do Minho.

A delimitação da casa das Carvalheiras, rodeada por outras construções similares, permitiu identificar um módulo construtivo urbano da Braga romana, definido por ruas perpendiculares, que viria a ser confirmado noutros sectores da cidade, designadamente nos terrenos anexos ao Antigo Albergue Distrital e no Alto da Cividade, onde se ergue a construção mais antiga conhecida até hoje em *Bracara Augusta*, datável dos inícios do século I (Martins 1999).

A habitação das Carvalheiras representa, assim, um exemplo bem conservado do modo como se organizavam as áreas residenciais da cidade romana, oferecendo características urbanísticas e arquitectónicas que vêm sendo registadas noutros locais de Braga (Martins 1999). Entre essas características destacamos os pórticos que ladeiam as ruas e as numerosas lojas que se instalavam ao longo das fachadas, no piso térreo das casas. A abundância destas últimas, nos lados sul e oeste da casa das Carvalheiras, demonstra que esta se situava numa área de intensa actividade comercial. Tal actividade poderia justificar-se pela proximidade da zona em relação ao *forum*, ao qual era possível aceder pela rua que ladeia a casa pelo lado este (fig. 2).

### 3. ANÁLISE DO CONJUNTO

#### 3.1. ESTRATIGRAFIA

A escavação integral da área arqueológica das Carvalheiras revelou, naturalmente, um número bastante elevado de camadas diferenciadas. Em parte, essa situação resulta do facto de existirem numerosas valas de saque dos muros que compõem a habitação, valas essas que perturbaram a estratigrafia original da zona, multiplicando o número de estratos.

A espessura estratigráfica observada revela-se bastante variável, verificando-se uma maior profundidade dos sedimentos na metade norte do terreno, onde chegam a atingir os 3m de espessura. Na parte sul os níveis arqueológicos encontram-se mais desmantelados, apresentando-se o substracto rochoso bastante superficial (fig. 4). O pendor natural do terreno, no sentido N/S e, sobretudo, o facto da estrutura se desenvolver na parte norte, rebaixada cerca de três metros em relação à parte sul, justificaram uma maior acumulação de sedimentos a norte do muro M48, designadamente de derrubes que não se conservaram na parte sul da área.

Pese embora o elevado número de camadas detectadas no conjunto da escavação, impossível de valorizar no âmbito restrito deste trabalho, entendemos dever referir aqui, a título de exemplo, aquelas que constituem algumas das unidades estratigráficas mais significativas deste sítio arqueológico, algumas das quais visíveis na fig. 4, que representa um corte transversal da totalidade da área escavada no sentido N/S.

Sob uma camada de terra humosa, mais ou menos homogénea, desenvolve-se, praticamente ao longo de toda a extensão do terreno, uma camada (01) de espessura variável, composta por terras remexidas, de cor predominantemente castanha escura, cujas características devem muito aos trabalhos de lavoura a que o terreno esteve submetido. Esta camada sela, quer vários níveis de derrube de compartimentos, quer praticamente todas as camadas que constituem o enchimento das valas de saque de diferentes muros, sobretudo daqueles que se dispunham no sector sul da habitação, como sejam, entre outros, os muros M28, M16, M42, M44 e M46, visíveis no corte representado na fig. 4.

Uma espessa camada de derrube (02), integrando abundante material granítico e fragmentos de tijoleira, de cor predominantemente castanha-alaranjada, mas com variações cromáticas, é visível em toda a extensão da área correspondente ao peristilo, entre os muros M93, a oeste, M107, a norte, M77, a este e M76, a sul. Uma camada com características semelhantes foi detectada nas áreas dos pórticos envolventes, como acontece com o pórtico sul, entre os muros M74 e M65 e nos compartimentos anexos ao peristilo, um dos quais visível na fig. 4, entre os muros M65 e M48. Aí, esta camada chega a atingir quase 2m de altura, recobrando os pavimentos mais tardios. Derrubes espessos são também aqueles que se encontram na área do balneário, muito embora se apresentem aí quase sistematicamente cortados pelas valas de saque dos muros que formavam os distintos compartimentos de banhos.

Na zona do peristilo, sob a camada 02, identifica-se uma outra (03) que recobre directamente o solo de terra batida deste recinto, integrando pedra miúda e fragmentos de tijoleira.

Camadas mais circunstanciais, visíveis na fig. 4, são as camadas 04 que cobre o pavimento da rua norte e a 05, correspondente àquele pavimento, constituído por terra batida com pedras e tijoleira miúda. Este assenta sobre uma sequência de enchimentos, sobre a rocha, compostos, designadamente, pela camada 06, correspondente à vala de fundação do muro M115, que define o limite norte da rua, e pelas camadas 07 e 08, constituindo esta última o enchimento de fossas abertas na alterite, eventualmente para extracção de saibro. A camada 09 corresponde ao enchimento da vala de saque do caleiro que corria ao longo da rua norte. A camada 10 corresponde ao enchimento de uma vala de saque, provavelmente do muro M107, que definia a fachada norte do edifício.

A violação do muro M48, que divide a casa das Carvalheiras aproximadamente a meio e marca o grande desnível da construção, está bem testemunhado por um conjunto de níveis que enchem uma grande vala de saque, que identificámos genericamente como camada 11.

A camada 12 desenvolve-se directamente sobre a alterite granítica, tendo sido rompida pelas valas de saque dos muros M46, M44, M42 e M16, cujos enchimentos correspondem, respectivamente às camadas 13, 14, 15 e 16. O enchimento da vala de saque do muro M28 corresponde à camada 17. Não se conservaram neste sector quaisquer pisos dos compartimentos, verificando-se, mesmo, o assentamento directo da camada 01 sobre a alterite granítica.

### 3.2. CRONOLOGIA E EVOLUÇÃO DA CASA DAS CARVALHEIRAS

As escavações realizadas na zona das Carvalheiras revelaram materiais datáveis da primeira metade do século I da nossa era (Morais 1998). No entanto, os mais antigos vestígios de construções presentes no local não podem ser datados anteriormente ao último quartel daquele século, tendo por base os materiais provenientes das valas de fundação dos muros mais antigos.

Assim, podemos afirmar que a casa das Carvalheiras foi erguida na época flávia, ou seja, posteriormente ao ano 70 da nossa era, desconhecendo-se que tipo de construção poderá ter aí existido anteriormente a esse período. Destaque-se, contudo, a existência de numerosas fossas rasgadas no saibro, cujo enchimento revela materiais cerâmicos de tipologia e fabrico indígenas, bem como fragmentos de ânforas da forma Haltern 70, presentes na região desde finais do século I a.C. (Morais 1998).

O primitivo conjunto residencial corresponde a uma casa de átrio e peristilo, que ocupa a totalidade da área de uma *insula* da cidade romana. Projecto de excelente qualidade, a habitação revela uma cuidada adaptação às condicionantes topográficas do terreno e uma métrica rigorosa que obedece aos típicos cânones vitruvianos (fig. 5).

A habitação desenvolve-se em duas plataformas distintas, que solucionam de um modo hábil o pendor natural da vertente. O desnível entre os dois tabuleiros é marcado por uma parede interna, o muro M48, que separa a plataforma mais alta, onde se situa o átrio e os compartimentos envolventes, à cota da rua e pórtico sul, da plataforma mais baixa, onde se erguem vários compartimentos em torno de um amplo peristilo (fig. 5).

Se o desnível do terreno é compensado pela própria estrutura da casa, numa solução que certamente se repetirá noutras habitações congéneres, no exterior, ao nível dos pórticos e ruas, ele seria vencido por pequenos lances de escadas, solução documentada na rua este.

Na primeira metade do século II a casa da Carvalheiras sofreu uma primeira reforma que afectou todo o seu lado oeste. Na origem desta reforma, que define uma segunda fase construtiva do conjunto habitacional, esteve a implantação de um balneário, que irá ocupar o quadrante noroeste da primitiva habitação (fig. 6). Simultaneamente, toda a fachada oeste é remodelada, sendo mesmo sacrificado o pórtico e as lojas que anteriormente se desenhavam nesse lado da casa (fig. 10).

Estamos em crer que esta habitação sofreu outras reformas, ainda mal definidas, anteriormente aos finais do século III/inícios do IV, altura em que se registou uma profunda remodelação da estrutura.

Sabemos, entretanto, que a construção se manteve ocupada até aos finais do século IV, inícios do V, altura em que terá sido definitivamente abandonada.

Tais circunstâncias justificam que a fase tardia das Carvalheiras seja aquela que é mais facilmente compreensível ao visitante, revelando um conjunto de muros com alguma monumentalidade, que escondem as fases iniciais da habitação (fig. 9).

### 3.3. FASES CONSTRUTIVAS E ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

#### 3.3.1. A FASE I

O primeiro projecto arquitectónico, que deixou evidências construtivas, data do último quartel do século I da nossa era. Trata-se de uma grande habitação que ocupa uma área de 1.156m<sup>2</sup> (110x120 pés), dos cerca de 1.367m<sup>2</sup> correspondentes à área total do quarteirão. Este revela, no sentido E/O, 35,29m de lado (120pés) e, no sentido N/S, 38,71m, ou seja, 130pés (fig. 5).

A fachada sul da casa encontra-se definida pelo conjunto dos muros perimetrais, que foram identificados como M13, M41 e M50, os quais definem as paredes que compunham uma sequência de lojas, abertas ao pórtico sul. Aí se encontrava, igualmente rasgada, uma entrada de acesso ao átrio da habitação. Todos os muros dos compartimentos, que compunham os espaços abertos ao pórtico sul, encontram-se bastante arrasados, facto explicável pela cota mais elevada do terreno, estando os muros praticamente à superfície do solo actual, deles se con-

servando muitas vezes apenas as sapatas. Verifica-se, aliás, que o nível de conservação dos muros é melhor na parte sudoeste do pórtico do que na parte sudeste do mesmo, devido ao pendor do terreno (fig. 7).

Por sua vez, a fachada norte estaria limitada por um muro não observado em toda a sua extensão, identificado como muro M120, do qual foi apenas escavada uma parte. Este fecharia, a nordeste, a sequência de compartimentos que se alinham na parte nascente do peristilo. Um outro muro, identificado por M107, também ele muito arrasado, parece definir uma fachada, ligeiramente recuada, que seria muito possivelmente encerrada por um pórtico. Neste muro estaria rasgada a entrada norte da habitação, com acesso ao peristilo. O muro que fecharia os compartimentos do lado oeste do peristilo, bem como aquele que rematava a fachada oeste, não puderam ser identificados, pois situam-se sob os quintais das construções anexas.

A fachada este da construção venceria um forte pendor do terreno. Esse facto justifica a existência de lances de escadas, perceptíveis por um conjunto de muros, um dos quais identificado como M99, que julgamos pertencer à rua este. Da fachada propriamente dita conservaram-se vestígios de dois muros cegos, o muro M98, bastante abaulado, e o muro M96, que deveria prolongar-se para norte, até ao muro M120, encerrando, nesse lado da construção, a sucessão de salas que se abriam ao peristilo.

A fachada oeste, que regista, tal como aquela que se situa a este, um pendor significativo (fig. 8), embora menos acentuado, está definida pelo muro M17, apenas parcialmente conservado, e pelo muro M19, travado no muro da fachada sul. É provável que o muro M86 pertencesse, também, a esta fachada, pois encontra-se no alinhamento dos anteriores. Dois muros muito destruídos, visíveis apenas ao nível dos alicerces, identificados por M25 e M6, paralelos aos muros M17 e M19, parecem corresponder a uma estrutura de suporte que definiria o alinhamento da rua oeste, ao longo da qual se disporia a colonata de um primitivo pórtico que acompanhava a fachada oeste da habitação. Este pórtico, destruído na remodelação da fase seguinte, oferece uma largura de 10 pés. Encostado ao muro M19 e dispendo-se no sentido N/S, encontra-se uma escada com degraus de pedra, que daria acesso ao pórtico oeste, cujo piso estaria rebaixado relativamente ao do pórtico sul, com o qual contactava.

A habitação estrutura-se em função de dois espaços interiores abertos, em torno dos quais se organizam vários compartimentos. O átrio, identificado como área A, situa-se no quadrante sudoeste da habitação, estando ligado à entrada sul da casa. Por sua vez, o peristilo, que ocupa uma área significativa da metade norte da construção, foi identificado por área B, sendo servido pela entrada norte.

Da estrutura da primitiva habitação conserva-se um conjunto de muros divisórios interiores que permitem identificar vários compartimentos, alguns dos quais se conservaram na fase seguinte. Todavia, no quadrante noroeste, aquele que sofreu uma poderosa intervenção no século II, conservam-se apenas alguns muros que podemos inserir nesta fase. Os restantes, ou foram arrasados, ou encontram-se sob os solos de *opus signinum* dos compartimentos do balneário, que aí se implantou naquela fase. Estão seguramente nesse caso os espaços dispostos ao longo do pórtico oeste do peristilo. Mesmo assim, foi possível identificar um conjunto de dezoito compartimentos inseríveis nesta fase, que passamos a descrever.

O conjunto dos compartimentos associados ao espaço A, organizam-se em torno de um *atrium*, com *impluvium*, definido por um pequeno tanque muito arrasado, do qual se conser-

varam apenas o muro M46 e as sapatas de assentamento dos cantos do tanque. Em torno do átrio, ao qual se acedia, a partir da rua e pórtico sul, por um corredor, desenham-se quatro salas: a sala 6, a oeste, as salas 7 e 8, a norte e a sala 9, a este, que daria acesso a um compartimento interior (10), assegurando a ligação ao piso inferior (área B), através de uma escada.

O conjunto dos compartimentos, associados ao espaço B, desenvolve-se em torno de um amplo peristilo porticado. A este, encontramos uma sucessão de compartimentos, identificados pelos números 13, 14 e 15. A sul, encostado ao muro M48, que funciona como elemento estrutural separador das duas plataformas, julgamos existir nesta fase um único compartimento (11), posteriormente dividido. A oeste existiria, certamente, uma sucessão de salas, dispostas no sentido N/S, que foram inutilizadas em meados do séc. II pelo frigidário do balneário.

A casa das Carvalheiras era servida por duas entradas autónomas, uma a sul, com acesso directo ao átrio e salas envolventes, e outra a norte, com entrada directa para o peristilo e compartimentos que se erguem em torno deste vasto espaço aberto.

A entrada sul dava acesso a um pequeno corredor, com 18 pés de comprimento (5,20m) por 5 pés de largura (1,50m), sendo limitado pelos muros M39 a oeste e M40 a este. Este corredor, comunicava, ainda, através de uma abertura rasgada no muro M39, com um compartimento, situado a oeste, que julgamos corresponder a uma loja (1), uma vez que possuía uma entrada directa pelo pórtico sul (fig. 5).

O átrio, implantado à cota de 182,20m, possui uma área útil de 45m<sup>2</sup>. Disponha de um pequeno tanque, ou *impluvium*, lamentavelmente muito destruído, com uma área estimada de 10m<sup>2</sup>. A conservação de elementos de uma conduta, indicam o escoamento das águas daquela estrutura, em direcção à fachada oeste da casa.

A nascente do átrio desenha-se um amplo compartimento (9), com uma área útil de 30m<sup>2</sup>, limitado pelos muros M48, a norte, M56, a sul, M53a, a este e pelo M47, a oeste. A sala oposta à entrada (8) possui uma área útil de 20m<sup>2</sup>, sendo limitado pelos muros M24, a oeste, M33, a norte, e M58, a este. Pode ser interpretada como uma sala de recepção e estar, estando aberta ao átrio por amplo vão a toda a largura do compartimento. A sala anexa, a poente (7), com 19m<sup>2</sup>, está limitada, a oeste, pelo muro perimetral M17, a sul, pelo muro M20, a este, pelo muro M24 e, a norte, pelo muro M33. O compartimento que se desenha a oeste do átrio (6), com 20m<sup>2</sup> de área útil, encontra-se definido pelos muros M22, a sul, M17, a oeste, M20, a norte, e M21, a este.

A partir do compartimento 9 podia-se entrar num compartimento interior (10), com 24,88m<sup>2</sup>, limitado pelas paredes definidas pelos muros M48, a norte, e M53, a sul. Daí podia-se aceder ao vão de escadas que, pelo interior da casa, conduzia a uma outra área funcional da residência que se desenvolvia num plano inferior. Esta zona encontra-se estruturada por um conjunto de compartimentos organizados em torno de um amplo espaço aberto, com 237,07m<sup>2</sup> de área útil, possivelmente com tanque central, envolvido por um pórtico colunado. Esta parte da residência era acessível a partir da rua norte por uma porta que se abria no eixo do pórtico nascente, na parte nordeste do muro M107.

No lado este do peristilo desenha-se um conjunto de salas, sendo, contudo, de destacar que este sector está ainda mal definido, uma vez que parte dele se encontra sob um poço moderno, que não pôde ainda ser desmontado para permitir a escavação integral da zona.



Uma sala de grandes dimensões (15), virada a poente, definida pelos muros M70 e M103, a oeste, M71, a sul, e que estaria limitada, a este, pelo muro perimetral M96, poderia ser uma ampla sala de jantar.

Um compartimento anexo a esta grande sala, situado a sul (14), está definido, a este, pelo muro perimetral M96, a norte, pelo muro M71, a sul, pelo muro M69 e, a oeste, pelo muro M70. No mesmo alinhamento encontramos um compartimento (13), com uma área útil de 24,60m<sup>2</sup>, que presumimos poder corresponder a uma cozinha (*culina*). Este espaço está definido, a este, pelo muro perimetral M98, a sul, pelo muro M48, a oeste, pelo muro M62 e, a norte, pelo muro M69. Anexo a este último espaço desenha-se um pequeno compartimento identificado pelo número 12, com 6,40m<sup>2</sup>, que poderá ter funcionado como latrina, sendo limitado pelos muros M62, a este, M48, a sul, M61, a oeste, e M64a, a norte. Na parte sul do peristilo rasga-se um amplo compartimento (11), com uma área útil de 42m<sup>2</sup>, posteriormente dividido, que pode corresponder a uma sala de recepção. Está definido, a sul, pelo muro M48 e, a norte, pelo muro M65. A este, o compartimento está limitado pelo muro que suporta a escadaria de acesso ao piso superior, sendo limitado a oeste pelo muro M58.

No lado poente deveria dispor-se um conjunto de compartimentos, que remataria a área envolvente do peristilo, que se encontra sob o solo de *opus signinum* do frigidário do conjunto balnear, aí implantado na fase seguinte.

No conjunto do peristilo merece destaque a existência de um poço que estaria integrado no pórtico norte, o qual persistiu como elemento importante da construção ao longo da sua ocupação. Trata-se de uma estrutura de cuidada alvenaria, cujo aparelho revela características típicas das construções da época flávia.

No exterior, a casa encontra-se limitada nos quatro lados por ruas, cujas pendentes, entre os 2 e 3%, acompanham a morfologia do terreno.

Ladeando as ruas sul e oeste desenham-se eixos de circulação porticados, com 10 pés de largura, que compensariam os desníveis do terreno através de pequenos lances de escadas.

Um conjunto de lojas (*tabernae*), abrem-se nas fachadas sul e oeste da casa, com acesso directo a partir dos respectivos pórticos.

Na fachada oeste encontramos pelo menos quatro compartimentos com função comercial. Sob o compartimento 6 existiria certamente uma loja, aberta ao pórtico oeste, conservando-se desta uma porta, rasgada no muro M17, a qual foi fechada numa fase posterior. O compartimento 16 corresponde a um espaço amplo com 35,10m<sup>2</sup> de área. Por sua vez, os compartimentos 17 e 18, são ligeiramente mais pequenos, possuindo áreas úteis de 32,06 e 26,68m<sup>2</sup>, respectivamente. Esta sequência de compartimentos encontra-se limitada, a este, pelo muro M82 e, a oeste, sê-lo-ia pelo muro perimetral M17. As divisórias internas estão representadas pelos muros M83 e M87, o primeiro situado entre os compartimentos 16 e o 17 e o segundo entre os espaços 17 e 18. Estes últimos dois compartimentos oferecem a particularidade de possuir antecâmaras, muito embora se desconheça a sua funcionalidade específica.

Na fachada sul desenham-se cinco lojas de dimensões variáveis. Os compartimentos 1 e 2 são quase simétricos, encontrando-se separados pelo corredor de entrada, possuindo áreas, respectivamente, de 16,03m<sup>2</sup> e 15,59m<sup>2</sup>. O compartimento 1 está definido pelo muro M13, a sul, M19, a oeste, M22, a norte, e M39, a este, possuindo duas entradas autónomas rasgadas nos muros M13 e M39. O compartimento 2 está definido pelos muros M41, a sul, M40, a oeste,

M44, a norte, e M43, a este. Possui uma entrada rasgada no muro M41 de acesso ao pórtico oeste.

Pouco sabemos do conjunto de compartimentos 3, 4 e 5 considerando o estado de arrasamento dos muros deste sector da construção. O compartimento 3 possuía uma área útil de 28,38m<sup>2</sup>, sendo um espaço totalmente aberto, aparentemente sem porta, definido pelo muro M43, a oeste, pelo muro M56, a norte, e pelo muro M49, a este. O compartimento 4, com 40,41m<sup>2</sup> de área útil, estava limitado pelos muros M49, a oeste, M53, a norte, e M54, a este. Revela vestígios de um balcão e de uma canalização que drenava para o pórtico. O compartimento 5 é o maior do conjunto de lojas da fachada sul, possuindo uma área útil de 79,41m<sup>2</sup>. Está definido pelos muros perimetrais M98, a este, e M50, a sul. A norte estaria limitado pelo muro M48 e, a oeste, pelo muro M54.

No lado norte não foi reconhecida a existência de lojas. Tendo em conta os elementos disponíveis, é possível admitir a existência de uma fachada recuada, encerrada por um estreito pórtico, onde se localizaria a entrada norte da habitação, com acesso directo ao peristilo. Acompanhando esta fachada existe uma canalização, com orientação E/O, que recolheria a água das chuvas.

### 3.3.2. A FASE II. A REFORMA DO SÉCULO II

Em meados do séc. II a casa das Carvalheiras foi remodelada no seu quadrante noroeste para instalação de um balneário. Para o efeito foram sacrificadas as lojas anteriormente existentes nesse sector, que se abriam ao pórtico oeste (16, 17 e 18), bem como os compartimentos que se localizavam a oeste do peristilo (fig. 6).

Esta obra implicou igualmente a remodelação de toda a fachada oeste, sendo certo que o anterior espaço do pórtico foi incorporado na construção, vendo-se assim ampliada a área útil da casa.

A construção passa a estar definida, a oeste, por um conjunto de muros que definem a nova fachada. São eles os muros M10, M9 e M26. Por sua vez, os muros M80 e M85 constituem a parede oeste do balneário, que revela uma entrada ligeiramente recuada e monumentalizada com um pequeno pórtico de entrada, no qual se destacam duas colunas.

Para além do balneário serão acrescentados três novos compartimentos à casa, constituídos pelos espaços identificados pelos números 19, 20 e 21, ligados entre si ao nível da cave e utilizados pelos ocupantes ao nível de um andar superior.

O balneário ocupa praticamente um quarto da área da construção, sendo definido por um conjunto de compartimentos, que permitiam uma eficaz utilização dos banhos. Ocupando uma área útil de 190m<sup>2</sup>, o balneário oferece-se como um bloco compacto de quatro salas que permitiam cumprir o serviço de banhos recomendado, sendo servido por duas pequenas áreas de serviço, localizadas a norte.

Um compartimento disposto no sentido E/O (22), com uma área útil de 33,90m<sup>2</sup>, definido pelos muros M80, a oeste, M79, a sul, M82, a este, e M83, a norte, com um pavimento de *opus signinum* bem conservado, formaliza o que julgamos ser um apoditério (*apodyterium*), de entrada no balneário, a partir da rua. A funcionalidade deste espaço, enquanto compartimento

de entrada, é sugerida pela existência de um pequeno pórtico que se recortaria na nova fachada, o qual daria acesso ao compartimento.

O compartimento 23, de forma rectangular e orientação N/S, formaliza uma grande sala fria, ou *frigidarium*, com uma área útil de 78m<sup>2</sup>. Está limitado pelo muro M93, a este, que encerrava o conjunto, bem como pelos muros M72, a sul, M82, a oeste, e M90, a norte. No topo sul desta sala define-se um pequeno compartimento (28), com 6,65m<sup>2</sup>, que, dando passagem ao peristilo, pode ser interpretado como espaço privado de acesso ao balneário para os residentes da casa.

Esta extensa sala fria, coberta por um solo de *opus signinum*, possui no topo norte uma pequena piscina com degraus, revestida a *opus signinum*. A piscina possui uma área de 10m<sup>2</sup> e uma profundidade de 1m, tendo capacidade para 10.600 litros de água.

Na parede este do frigidário, definida pelo muro M93, desenha-se uma pequena exedra, formada pelo muro M94, onde existia um pequeno *alveus*. Uma reentrância no paramento externo da parte norte do muro M93 integra o poço, já presente na fase anterior, a partir do qual poderiam ser alimentadas as duas piscinas do frigidário.

A poente do *frigidarium* dispõe-se um compartimento rectangular, orientado E/O, com uma área de 19,50m<sup>2</sup>, que classificamos como *tepidarium* (25). Está definido pelos muros M82, a este, M83, a sul, M84, a oeste, e M87, a norte, sendo contíguo um outro espaço aquecido que foi interpretado como *caldarium*. Este corresponde à sala a poente (24), com orientação N/S, que se encontra limitada pelos muros M84, a este, M87, a norte, M80 e M85, a oeste, e M83, a sul. Com uma área de 23,40m<sup>2</sup>, este compartimento compreende um espaço de circulação e uma piscina de água quente, da qual se conservou apenas o pavimento, ligeiramente sobre-elevado em relação ao solo do hipocausto. Esta piscina, com uma área de 5,80m<sup>2</sup>, teria uma capacidade mínima de 3.500 litros de água, possuindo uma profundidade de 80cm. A estrutura estaria definida pelos muros M85, a oeste, M87, a norte, M86, a este, e M81, a sul.

Os espaços identificados como 26 e 27 representam o conjunto de compartimentos destinados aos serviços de apoio ao balneário. O pré-fúrnio desenha-se a norte, rasgado no muro de fachada M87, integrando-se na área 26. Dele são ainda visíveis as lajes de granito que definiam a sua base, cujas características sugerem que seria de canal externo, semelhante aos que encontramos nas termas do Alto da Cividade.

Anexo ao espaço 26, define-se o compartimento 27, com uma área de 9,50m<sup>2</sup>, que se destinaria certamente ao arrumo de lenha para alimentar a fornalha.

Um dos aspectos interessantes relacionados com a construção do balneário associa-se ao facto deste revestir um carácter misto, simultaneamente público e privado. Com efeito, as suas características e a disposição das suas salas sugerem que poderia ser tanto utilizado pelos residentes da casa, como alugado. De facto, os residentes podiam ter acesso ao frigidário, a partir do pórtico sul do peristilo, entrando numa pequena antecâmara, definida pelo compartimento 28, que poderia servir como vestiário. Por sua vez, o compartimento frio 22, que interpretamos como apoditério, com uma entrada a partir da rua oeste, só se justificaria enquanto vestiário de utentes estranhos à residência.

A reforma introduzida na fachada oeste da casa, resultante da implantação do balneário, determinou a ampliação do corpo da casa nesta zona, bem como uma redefinição da circulação e utilização dos compartimentos aí existentes. Assim, dispostos no sentido N/S, surgem-nos agora

três novos compartimentos rectangulares (19, 20 e 21), que se desenvolvem ao longo da rua.

O compartimento 19 possuía uma entrada pelo pórtico sul, que dava acesso a um lanço de escadas, permitindo a utilização deste espaço, com uma área útil com cerca de 15,52m<sup>2</sup>. A partir deste, acedia-se a uma outra sala (20), com 14,45m<sup>2</sup> de área, que, por sua vez, permitia a entrada no compartimento 21. Este conjunto de compartimentos estava limitado, a oeste, pelos muros perimetrais M10, M9 e M26 e, a este, pelos muros M19 e M17, que constituíam a fachada oeste da casa na fase anterior. A entrada anteriormente existente para a loja, sob o compartimento 6, foi fechada pelo muro M18. Entre os compartimentos 19 e 20 ergue-se o muro divisório M11, constituindo o muro M34 o separador dos compartimentos 20 e 21.

Com a construção do balneário, foi sacrificado o lado oeste do peristilo, ficando este reduzido a três pórticos, que continuam a dar acesso ao conjunto dos compartimentos envolventes, já definidos para a fase anterior. De qualquer modo, uma vez que foi sacrificada parte da área anteriormente afectada aos serviços da casa, presumimos que alguns deles se tenham deslocado para a ala sul, o que poderia ter justificado uma reorganização do compartimento 11, que passa agora a estar dividido pelo muro M59, definindo-se, assim, duas salas simétricas (11a e 11b), cada qual com 21m<sup>2</sup> de área útil. Por outro lado, a habitação ganhou mais compartimentos sobre a área das lojas 19, 20 e 21.

### 3.3.3. A FASE III. AS REMODELAÇÕES TARDIAS E A ALTERAÇÃO DA FUNCIONALIDADE DOS ESPAÇOS

As características da casa das Carvalheiras, adquiridas com a instalação do balneário, em meados do século II, parecem manter-se até finais do século III/inícios do IV, altura em que ocorrem algumas significativas remodelações na estrutura.

Estas encontram-se bem definidas do ponto de vista construtivo por um conjunto de muros que revelam um aparelho irregular e pouco cuidado. Os muros deste período encontram-se bem representados na área envolvente do peristilo, sobretudo nos lados este e sul (figs. 9 e 10) comparativamente aos demais, estes são os muros que denotam um melhor estado de conservação. Também a fachada oeste voltou a ser remodelada, sendo de destacar, como aspecto marcante das reformas deste período, a invasão da área ocupada pela rua oeste, que se vê encurtada, sendo igualmente notória a construção de muros que começam a fugir aos alinhamentos anteriores.

Muito embora as remodelações ocorridas neste período não se encontrem ainda completamente esclarecidas, parece-nos indiscutível a preocupação em fechar os compartimentos envolventes do peristilo, com pesadas portas, conservando-se bem alguns dos elementos de arquitectura que definiam essas estruturas. Referimo-nos às soleiras dos compartimentos 15, 11a e 11b, feitas de grandes blocos de granito, que revelam os rasgos para encaixe das portas e trancas verticais. Conservadas encontram-se igualmente várias ombreiras laterais, também elas constituídas por pesados elementos de granito, com encaixes para trancas horizontais.

As características das portadas dos compartimentos referidos, mais adequadas a lojas, do que a compartimentos interiores de uma habitação, bem como a desafecção dos compartimentos 12 e 13, que foram fechados e inutilizados, sugerem-nos que se deve ter operado uma mudança na funcionalidade dos espaços que envolviam do peristilo.

Admitindo-se a continuidade de utilização do balneário e as reformas referidas, julgamos que esta parte da habitação se transformou em área pública, ainda que mantendo a sua configuração original. Aparentemente, apenas a parte sul da casa terá continuado a ser utilizada com funções de residência, mantendo também as características herdadas do período anterior.

Tudo indica que o conjunto sofrerá algumas remodelações ainda ao longo do século IV, que parecem articular-se com a desafecção progressiva de alguns espaços, como acontece, concretamente, com o compartimento 11a, onde são depositados dois fustes de coluna, pertencentes ao pórtico do peristilo. Neste compartimento, dentro da vala de fundação do muro norte, na área correspondente à soleira, foram enterradas, em meados do século IV, cerca de 45.000 moedas de bronze, a maior parte das quais cunhadas no tempo do imperador Constantino.

O abandono definitivo da construção poderá ser situado entre finais do século IV, inícios do século V.

#### 3.4. SISTEMA CONSTRUTIVO

A casa das Carvalheiras, erguida no último quartel do séc. I, corresponde a uma construção de forma aproximadamente quadrada, que pode ser dividida em duas áreas funcionais diferenciadas, bem marcadas pelo desnível de cerca de 3m de altura existente entre a plataforma norte, mais baixa, e a plataforma sul, mais alta. Tal desnível foi resolvido através da construção de um muro interior (M48), erguido aproximadamente a meio da habitação. Ambas as plataformas, que definem espaços funcionais autónomos, possuem entradas próprias, que assinalam bem a diferenciação arquitectónica das duas áreas.

A habitação desenvolve-se adaptada às condições morfológicas do local, desenhando-se em dois planos distintos, mas interligados, que definem, no seu conjunto, uma residência unifamiliar com átrio e peristilo, modelo de habitação frequente na Península Ibérica, designadamente em Itálica e Conimbriga (Alarcão 1985).

A casa das Carvalheiras revela uma boa qualidade técnica que é característica das construções de *Bracara Augusta* neste período. Solidamente implantada no saibro, rasgado para assentamento de argamassa e cascalho grosso, que definem as sapatas dos muros estruturais do edifício, a estrutura ergue-se como um volume sólido e estável, de paredes de granito, com aparelho coeso, sendo dominantes os blocos quadrados e sub-rectangulares, dispostos em fiadas horizontais, com ligante constituído por argamassa de saibro.

A espessura dos muros mais representativos desta primeira fase oscila entre 45cm e 48cm nas paredes interiores (1,5 pés) e 51 e 56cm nas exteriores, valores que as aproximam dos 2 pés.

Bem documentados estão os silhares que suportavam as colunas, quer nos pórticos exteriores, quer em volta do peristilo. Trata-se de blocos de granito predominantemente quadrados (45x45cm).

A habitação das Carvalheiras obedece a uma métrica rigorosa, verificando-se a utilização de dois módulos dominantes. O módulo de 10 pés (2,96m) caracteriza a estrutura dos pórticos exteriores, estando presente tanto na largura e altura dos mesmos, como no distanciamento entre os eixos das colunas. Por sua vez, o porticado do peristilo oferece uma modulação alternada de 10 e 12 pés, perceptível na largura do pórtico e no espaçamento entre os eixos das

colunas que o compunham. Nos lados menores domina o módulo de 10 pés entre eixos das colunas, enquanto nos lados maiores o módulo é de 12 pés.

Muito embora não tenha sido conservado qualquer vestígio de madeira, esta deve ter sido um material abundantemente utilizado na construção, sendo certamente usado nos telheiros, vigamentos e travamentos que sustentavam os telhados.

Dos pavimentos correspondentes aos espaços da casa nada se conservou. No entanto, estamos em crer que alguns deveriam ser feitos com tijoleiras e outros, seguramente, de mosaico, tendo em conta a descoberta de vestígios dos mesmos noutras habitações romanas de Braga.

A reforma introduzida na construção em meados do século II, com a instalação do balneário, está bem representada pelos elementos construtivos que se associam à organização dos espaços de banhos e à tecnologia de aquecimento usada neste tipo de estabelecimentos (Fernandez Ochoa, 1996; Bouet, 1994).

Muito embora o conjunto da área aquecida do balneário se encontre muito arrasado, não se conservando restos significativos dos hipocaustos que formavam os subsolos, quer do caldário, quer do tepidário, conservam-se as marcas das tijoleiras que formavam a *area* do hipocausto. Os níveis de demolição da estrutura forneceram, todavia, abundante material laterício que permite reconstituir algumas das características construtivas do balneário.

Sabemos, assim, que os hipocaustos eram constituídos por *pilae*, pois foram encontradas várias tijoleiras, correspondentes aos colunelos que suportavam a *suspensura*, ou seja, o solo dos compartimentos aquecidos. A presença de tijoleiras chanfradas nesses mesmos níveis é, entretanto, sugestiva do sistema de cobertura dos compartimentos aquecidos, que se desenvolveria em abóbadas. Trata-se de tijoleiras *pedalis* com entalhes, do tipo classificado como B, por F. Perez Losada (1992, Lam. X), relativamente frequentes na Galiza e igualmente presentes em Tongobriga (Dias, 1997). Atendendo ao clima pluvioso da região, admitimos que as abóbadas dos compartimentos quentes seriam posteriormente cobertas por telhado de duas águas.

Por sua vez, a identificação de *tubuli laterici*, nos níveis de destruição, permite-nos saber que as paredes do caldário possuíam tubuluras, por onde circulava o ar quente.

Sabemos assim que, na construção do balneário da casa das Carvalheiras, foi utilizada a tecnologia de aquecimento que se observa em qualquer estabelecimento termal romano da mesma época (Degbomont, 1984; Nielsen, 1990). As salas quentes possuíam um hipocausto definido por colunelos (*pilae*), aquecido a partir de uma fornalha (*prae-furnium*), que se localizava numa pequena área de serviços a norte. Muito embora não se tenham conservado *in situ*, sabemos que os colunelos dos hipocaustos eram formados por tijolos sobrepostos, espaçados entre si 45cm.

Os pavimentos do frigidário e do apoditério revelam espessos solos de *opus signinum*, encontrando-se num bom estado de conservação.

No frigidário foram identificadas duas banheiras. Uma, de forma quadrada, situa-se no topo norte do compartimento, revelando vestígios de degraus interiores e restos do pavimento de *opus signinum* de revestimento. Na parede este recorta-se uma exedra, onde se situava um pequeno *alveus* que se encontrava revestido de *opus signinum*.

O granito continuou a ser o material usado na construção dos novos muros erguidos nesta fase. No entanto, pode observar-se uma diminuição na qualidade dos paramentos desta época,

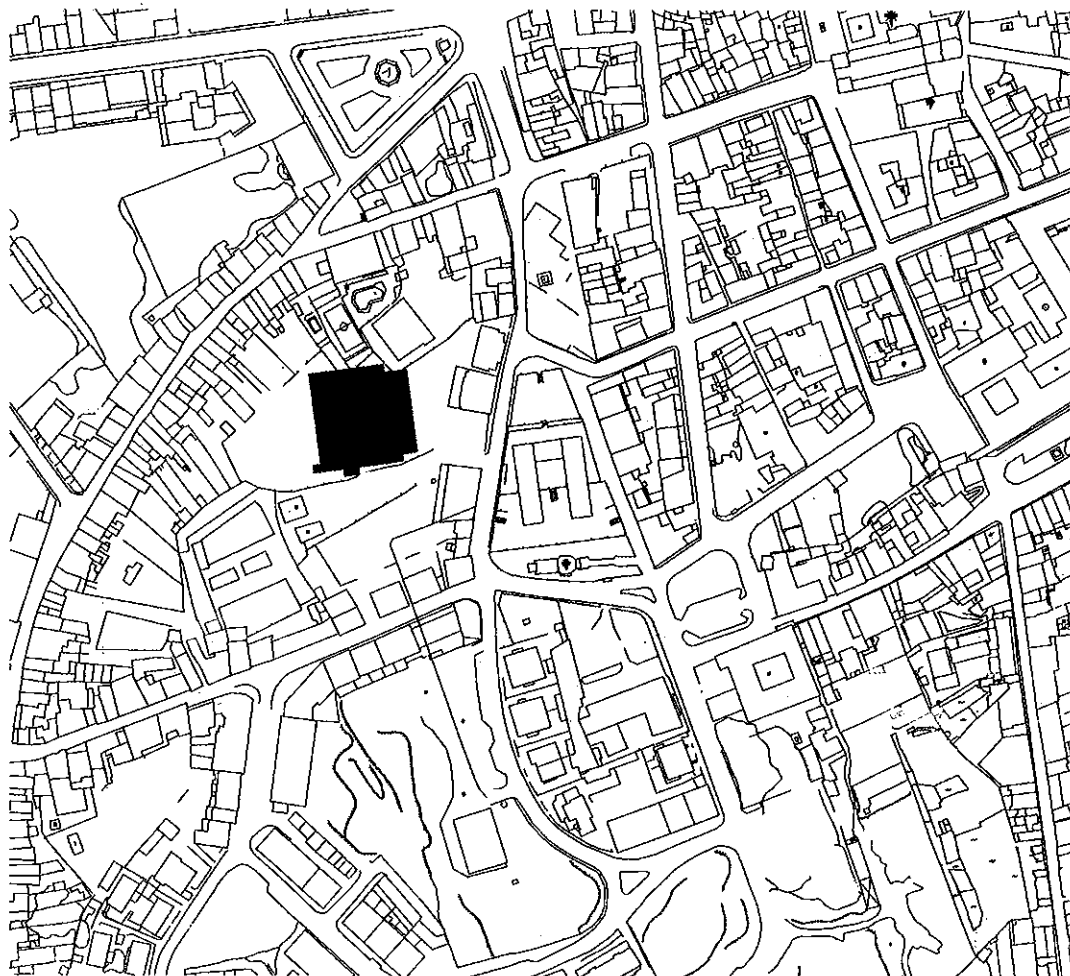
exceção feita à parede este do frigidário, cujo aparelho revela uma articulação entre as fiadas de blocos de granito e fiadas de tijoleiras dispostas na horizontal, formando uma composição cuidada.

As características da casa, adquiridas com a instalação do balneário, em meados do século II, parecem manter-se até finais do século III/início do IV, altura em que ocorrem algumas remodelações na estrutura, ainda não completamente esclarecidas.

#### BIBLIOGRAFIA

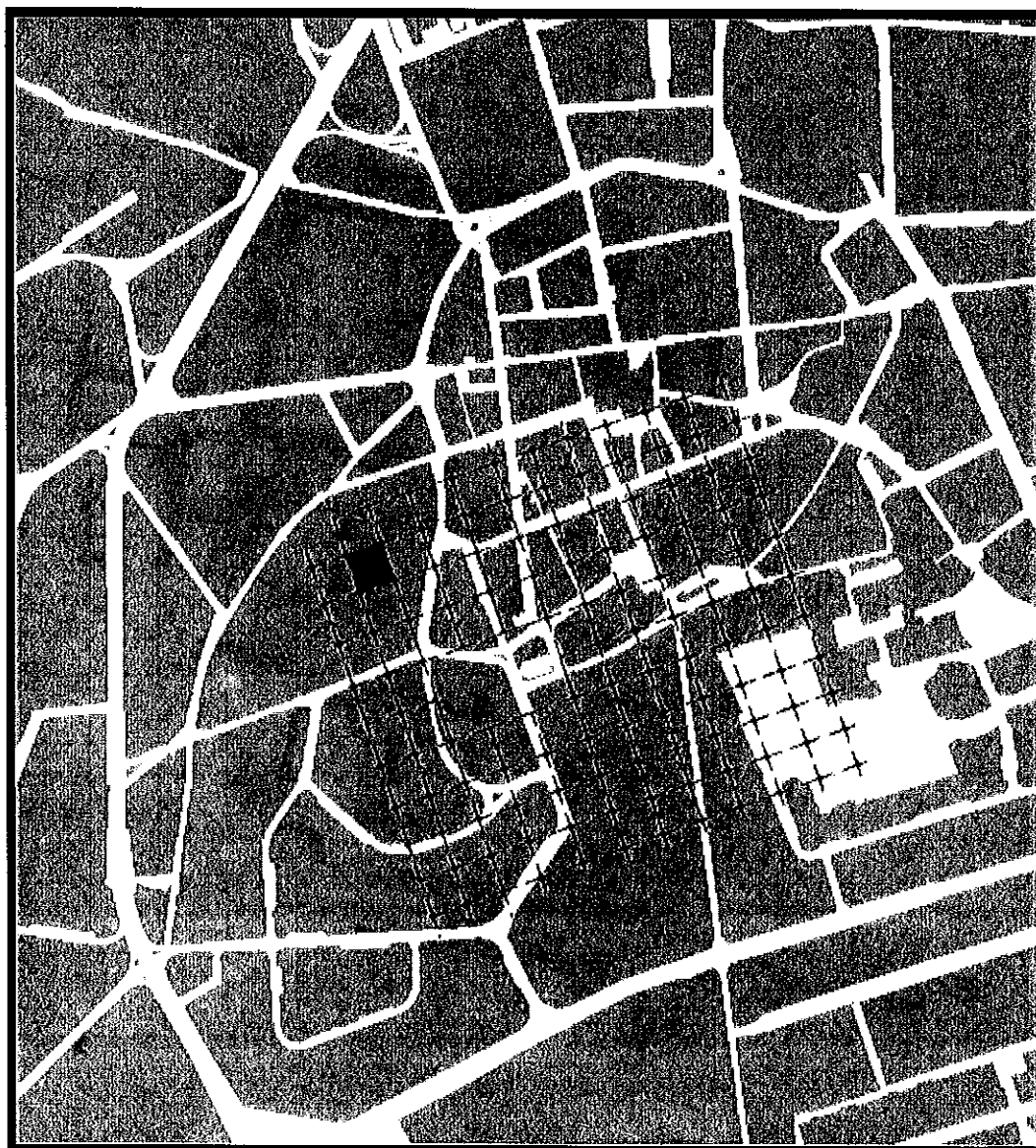
- ADAM, JEAN-PIERRE (1996) – *La construcción romana: materiales y técnicas*. Ed. De los Oficios, Leon.
- ALARCÃO, JORGE DE (1985) – *Introdução ao estudo da casa romana*, in *Cadernos de Arqueologia e Arte*, 4, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, Coimbra.
- BOUET, ALAIN (1994) – Les thermes des maisons urbaines en Gaule Narbonnaise, in *La Maison Urbaine d'époque romaine en Gaule narbonnaise et dans les provinces voisines*, Actes du Colloque d'Avignon, Documents d'Archeologie Vauclusienne, 6, pp. 169-182.
- DEGBOMONT, JEAN-MARIE (1984) – *Le chauffage par hypocauste dans l'habitat privé: de la Place st. Lambert à Liège à l'Aula Palatina de Trèves*, ERAUL – Études et Recherches Archéologiques de l'Université de Liège, 17, Liège.
- DELGADO, MANUELA, e F. SANDE LEMOS (1985) – Zona das Carvalheiras. Notícia das campanhas de escavação de 1984 e 1985, in *Cadernos de Arqueologia*, Braga, Série II, 2, pp. 159-176.
- (1996) – Zona das Carvalheiras. Notícia da campanha de escavação de 1985, in *Cadernos de Arqueologia*, Braga, Série II, 3, pp. 151-167.
- DIAS, L. A. (1997) – *Tongobriga*, IPPAR, Lisboa.
- FERNANDEZ OCHOA e PRIETO, M. ZARZALEJOS (1996) – Técnicas Constructivas en las Termas Romanas de Campo Valdés (Gijón): El Material Latericio, in *Archivo Español de Arqueologia*, 69, 173-174, Instituto Español de Arqueologia Madrid, pp. 109-118.
- MARTINS, M. e DELGADO, M. (1989-90) – História e Arqueologia de uma cidade em devir: Bracara Augusta, in *Cadernos de Arqueologia*, série II, 6-7, Braga, pp. 11-38.
- MARTINS, M.; DELGADO, M. e ALARCÃO, J. (1994) – Urbanismo e Arquitectura de Bracara Augusta: Balanço dos Resultados, in *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular*, 34, (1-2), Porto, pp. 303-319.
- MARTINS, M. (1999) – A urbanização do NO peninsular: o caso de Bracara Augusta, in *Actas da Mesa Redonda "Emergência e desenvolvimento das cidades romanas no Norte da Península Ibérica"*, Tongobriga (no prelo).
- MORAIS, RUI (1998) – *As ânforas da zona das Carvalheiras. Contribuição para o estudo das ânforas romanas de Bracara Augusta*, Cadernos de Arqueologia, Monografias, Braga.
- NIELSEN, I. (1990) – *Thermae et Balnea. The Architecture and Cultural History of Roman Public Baths*, Aarhus.
- NIELSEN, I. (1993) – Roman Baths and Urban Society, in *Actas del XIV Congreso Internacional de Arqueologia Clásica*, Tarragona, pp. 308-309.
- PEREZ LOSADA, F. (1992) – Hipocaustos na Galicia Romana, in *Gallaecia*, 13, Facultad de Geografía e Historia, Santiago de Compostela, pp. 129-174.

**Est. I**



**Fig. 1 - Localização das Carvalheiras.**





**Fig. 2** – Localização da *insula* das Carvalheiras na malha urbana de *Bracara Augusta*.

Est. III

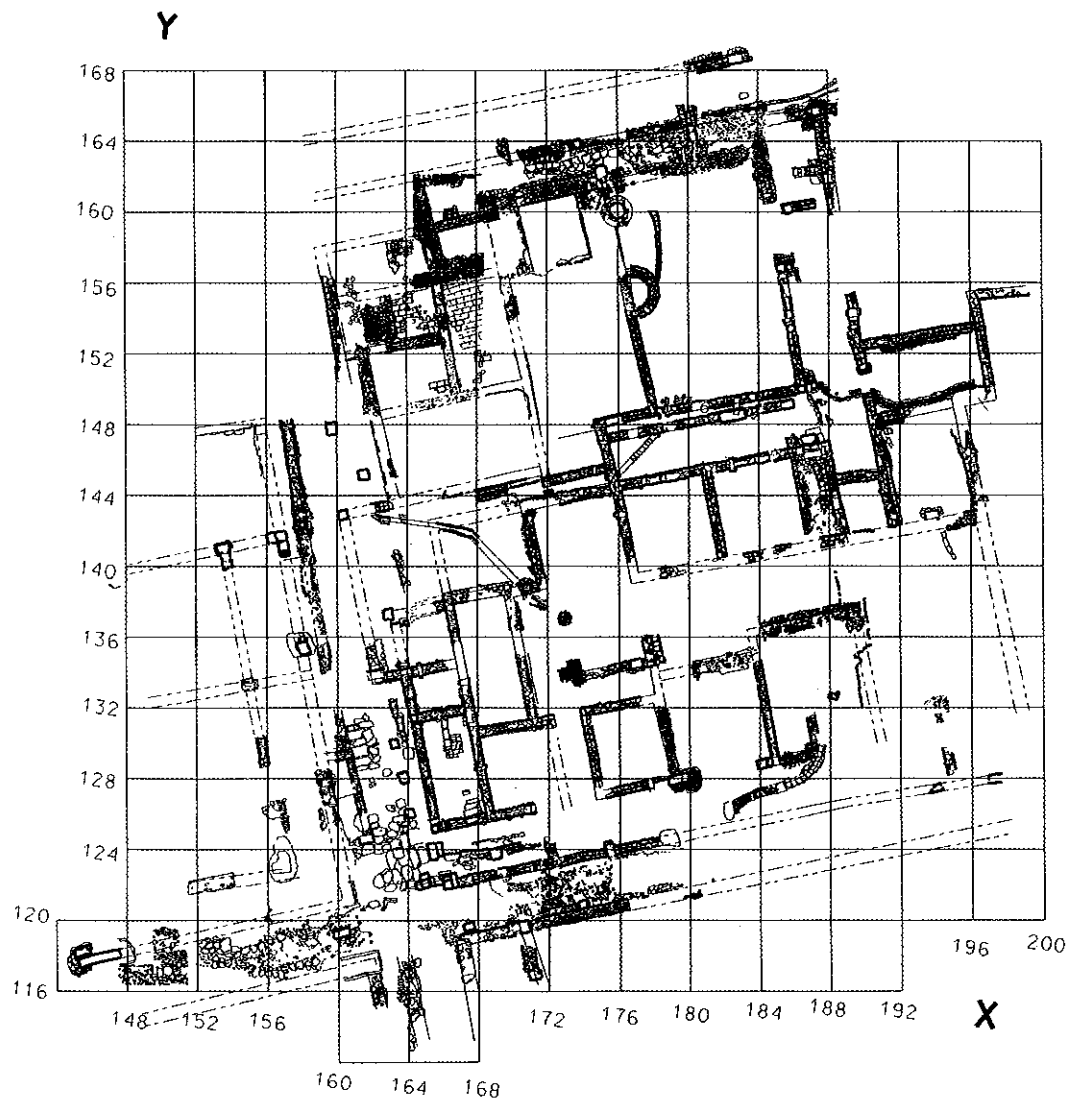


Fig. 3 - Planta geral da quadrícula e das estruturas detectadas nas escavações. Esc. 1: 400.

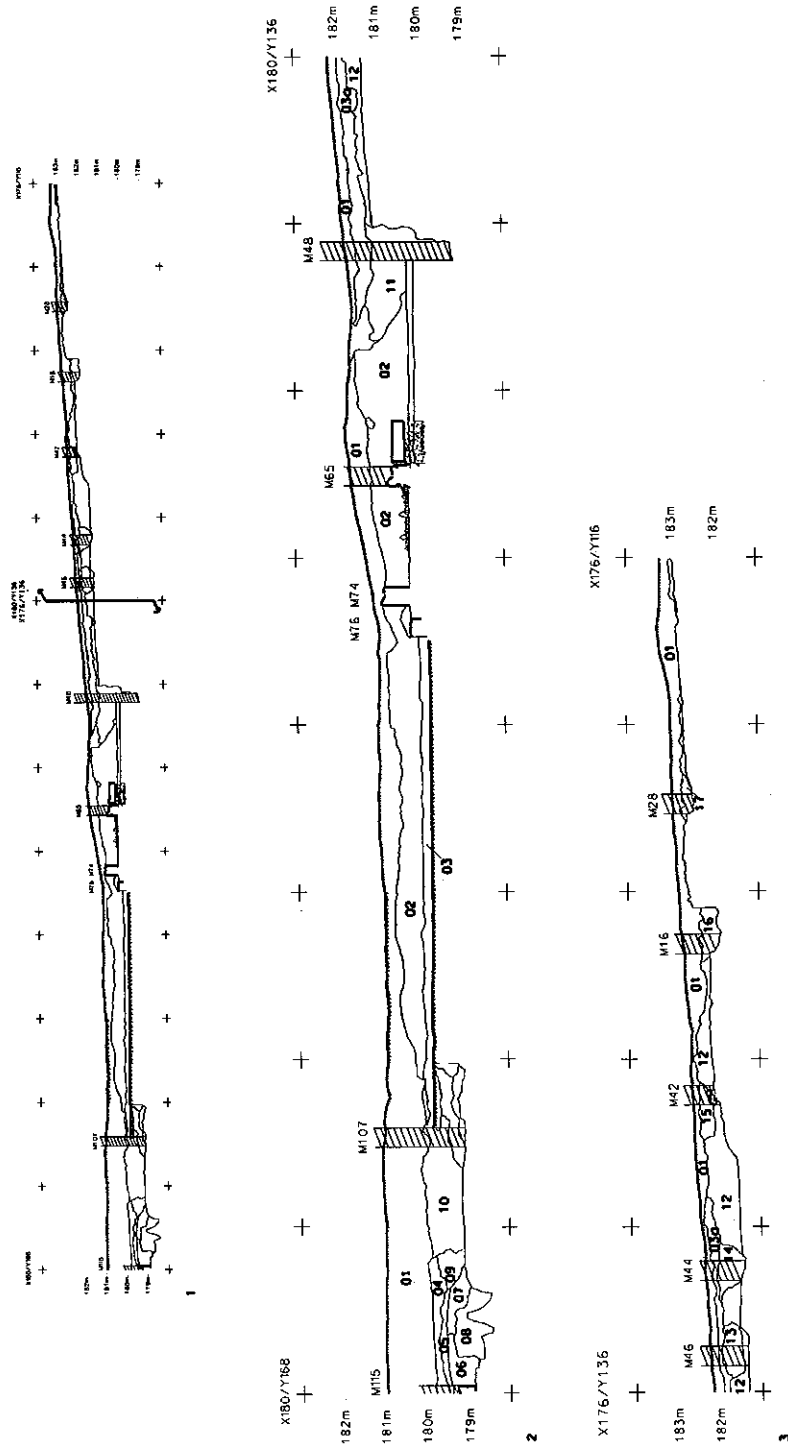


Fig. 4 – Leituras estraiográficas N/S da área escavada. 1. Corte geral N/S; esc. 1: 300; 2. Leituras em X = 180; esc. 1: 150; 3. Leituras em X = 176; esc. 1: 150.

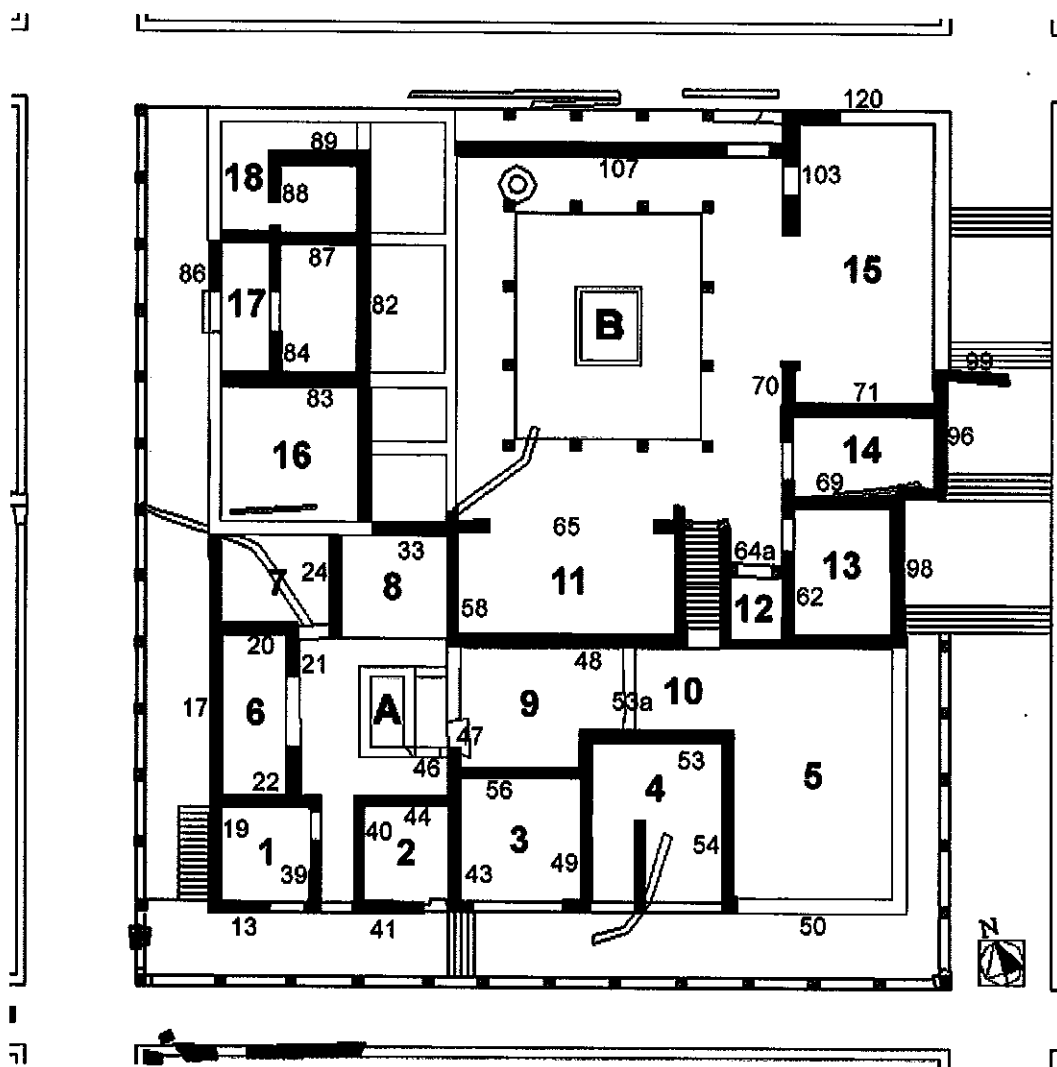


Fig. 5 – Planta interpretada das Carvalheiras, na Fase I (finais do século I). Esc. 1: 400.





Fig. 7 – Panorâmica da área escavada entre 1983-1986.

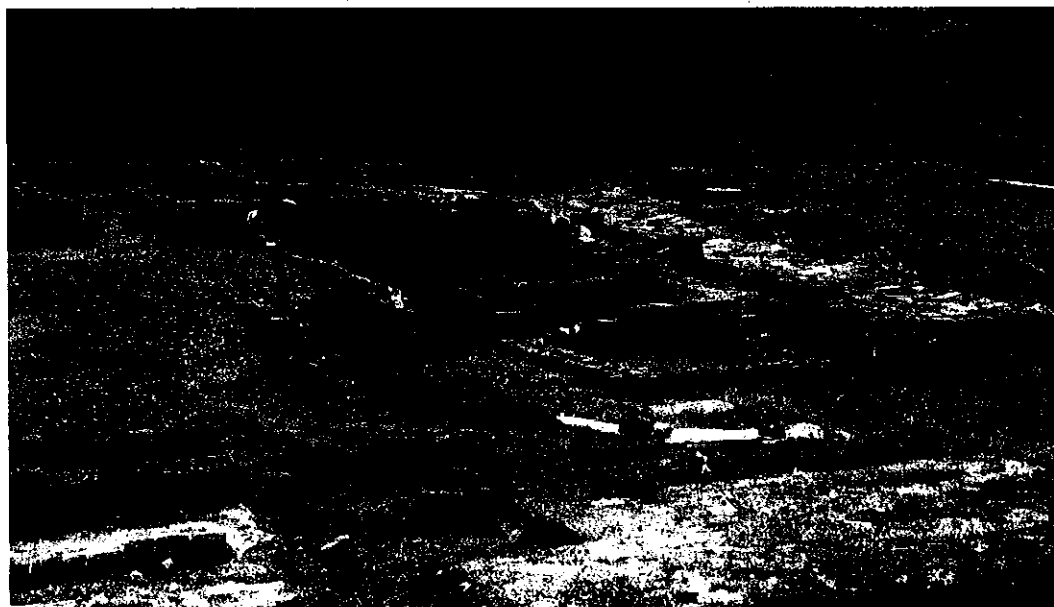


Fig. 8 – Panorâmica da rua oeste e compartimentos limítrofes.



Fig. 9 - Perspectiva do conjunto da área escavada, com a área do balneário em primeiro plano.

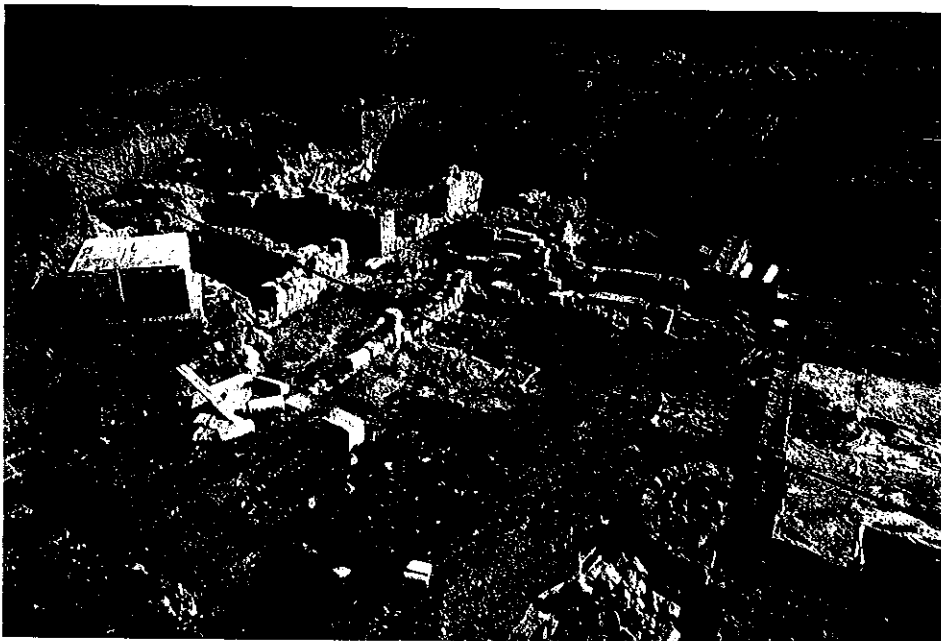


Fig. 10 - Perspectiva do peristilo e área envolvente depois da implantação do balneário.